

ESPÉCIES FLORESTAIS COMERCIALIZADAS PELO ESTADO DE MATO GROSSO

Edilene Silva Ribeiro¹
Roberto Antônio Ticle Melo de Souza²
Marcella Hermida de Paula³
Robert Rossi Silva de Mesquita³
Elton Lopes Moreira⁴
Hugo Fazion⁴

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo identificar as espécies florestais madeireiras comercializadas por Mato Grosso no período de 2004 a 2010. Os dados foram coletados no posto de fiscalização do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (INDEA/ MT), no distrito industrial do município de Cuiabá. Por meio da nota fiscal e da guia florestal, foram identificadas as famílias, gêneros e espécies comercializadas. As famílias mais representativas foram a Fabaceae com 25 gêneros seguidas da Mimosaceae e Moraceae com sete gêneros cada uma e Meliaceae e Sapotaceae com cinco gêneros cada. A espécie mais comercializada com mais de 1.000.000 de m³ foi *Qualea* sp.

Palavras-chave: Comércio florestal; Madeira serrada, Fiscalização, Essências florestais.

FOREST SPECIES COMMERCIALIZED BY MATO GROSSO STATE

ABSTRACT: This study aimed to identify the timber forest species marketed by Mato Grosso from 2004 to 2010. The data were collected at the checkpoint of the Agricultural Protection Agency of the State of Mato Grosso (INDEA / MT), in the industrial district the city of Cuiabá. Through the invoice and forest guide, families, genera and species traded were identified. The most representative families were Fabaceae with 25 followed genres of Mimosaceae and Moraceae with seven genera each and Meliaceae and Sapotaceae with five genera each. The most traded species with over 1,000,000 m³ was *Qualea* sp.

Keywords: forest trade; Lumber, Inspection, essences forestry.

¹Professora do Departamento de Agronomia, Instituto Federal de Mato Grosso, Campo Novo do Parecis, Mato Grosso, Brasil. Doutoranda em Ciências Florestais, Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília, Brasil. E-mail: Edilene.ribeiro@cnp.ifmt.edu.br.

²Dr. Professor do Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: ratms@terra.com.br.

³Mestre em Ciências Florestais, Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília, Brasil. E-mail: marcellahermida@hotmail.com, robertflorestal@gmail.com.

⁴Graduação em Engenharia Florestal, do Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: eltonlopes@florestal.eng.br, hugofazion@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Amazônia Brasileira passou a ser chamada de Amazônia Legal em 06 de janeiro de 1953 com a criação da lei 1.806, devido à necessidade do governo de planejar e promover o desenvolvimento da região. Os Estados que compõe a Amazônia Legal são: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão (Brasil, 2013).

Em 2009 na Amazônia Legal, dos 71 pólos madeireiros foram extraídos aproximadamente 14,2 milhões de metros cúbicos em tora, gerando 5,8 milhões de metros cúbicos de madeira processada, sendo o rendimento médio do processamento de 41%. Os Estados do Pará, Mato Grosso e Rondônia foram os maiores produtores, respondendo por 91% da produção total. A estimativa da receita bruta gerada pela indústria madeireira da Amazônia Legal nesse ano foi de cerca de US\$2,5 bilhões (Pereira et al., 2010).

Os principais produtos exportados foram a madeira beneficiada que correspondeu a 47% do valor exportado em 2009, seguida da madeira serrada (40%) e das chapas de compensado e laminados (7%) (Fatos florestais da Amazônia, 2010).

A floresta Amazônica apresenta uma grande diversidade de espécies arbóreas, potenciais para a produção de madeira. Logo, ha um considerável interesse em promover a sustentabilidade da produção de madeira como uma estratégia para a conservação e a manutenção da produção de madeira serrada (Schongart, 2008).

As espécies florestais de Mato Grosso são pouco conhecidas, as primeiras explorações botânicas realizadas são discutidas em Sampaio (1916) e Ackerly et al., (1989) citados por Ivanauskas et al. (2004). Revisões mais atuais foram realizadas a partir de 1992 com o plano de zoneamento do Estado (Mato Grosso, 1999), objetivando mapear a cobertura vegetal, bem como a localização dos principais pontos de levantamentos florísticos e inventários florestais já realizados.

Este trabalho teve como objetivo identificar as espécies florestais madeireiras comercializadas por Mato Grosso no período de 2004 a 2010.

MATERIAIS E MÉTODOS

O levantamento das espécies comercializadas via modal rodoviário foi realizado no Estado de Mato Grosso no período de 2004 a 2010. “O Estado tem uma extensão territorial de 906.806,89 km², situado entre os paralelos 7° 20’ 30” e 18° 10’ 00” latitude Sul e os

meridianos 50° 13' 48" e 61° 31' 00" a Oeste de Greenwich, ocupando uma área equivalente a 10,30% do território brasileiro.

Genericamente, a superfície do Estado é dividida por três áreas distintas, segundo o tipo de vegetação: Pantanal, ocupando aproximadamente 10% da área territorial; Cerrado, com aproximadamente 40%, e Floresta Amazônica, que cobre cerca de 50% do território estadual (Ribeiro Junior, 2003).

Possui 141 municípios distribuídos em cinco mesorregiões, 22 microrregiões e 12 Regiões de Planejamento (RP) (Figura 1) (Seplan, 2010).

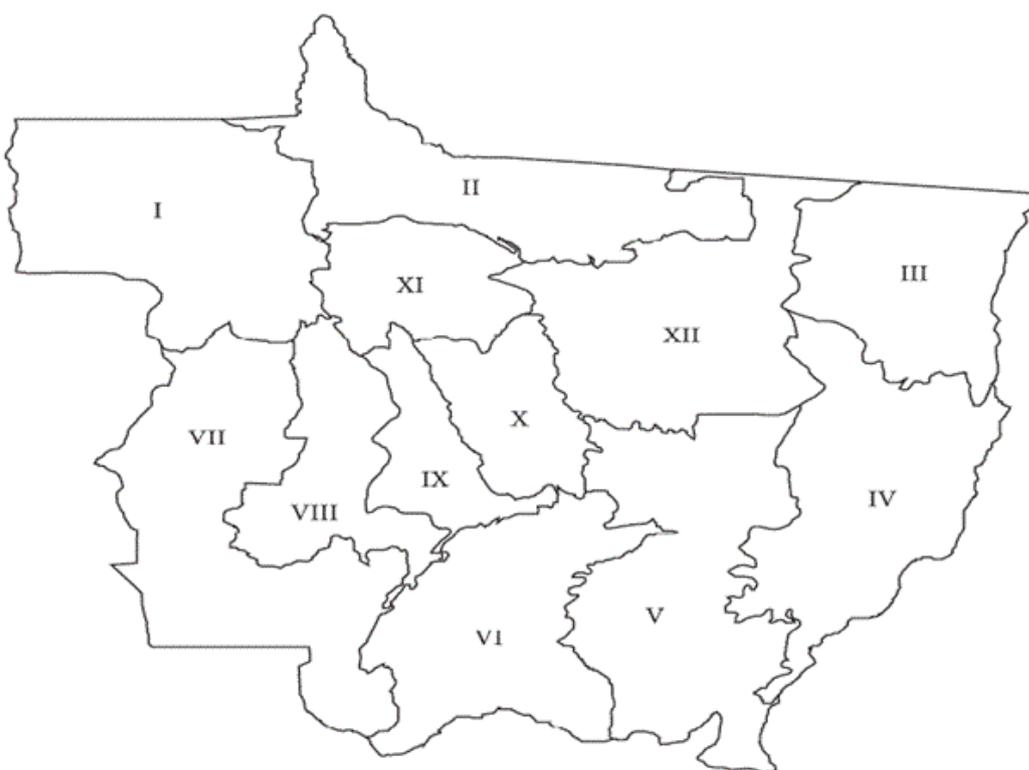


Figura 1 – Regiões de Planejamento (RP) do Estado de Mato Grosso, propostas pela SEPLAN-MT. Fonte: Mato Grosso (2010).

A metodologia adotada é semelhante à utilizada por Sampaio e Mazzochin (2010), que consistiu em análise de informações de autores e leitura de documentos específicos, como relatórios, anuários estatísticos e informações fornecidas pelos institutos e órgãos oficiais do setor de base florestal – IBGE, ABRAF, ABIMCI, INDEA, SEMA, SEFAZ.

Os dados foram levantados no posto de fiscalização do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso INDEA-MT, no distrito industrial de Cuiabá. Os referidos são provenientes daqueles coletados pelos fiscais durante todos os dias da semana,

24 horas por dia sem exceção, sendo que todos os caminhões que passaram pelo posto, no período de 2004 a 2010, transportando madeira, foram vistoriados. Os dados coletados foram computados em tabelas de acordo com os municípios de origem das espécies.

As cargas de madeira foram submetidas à rigorosa fiscalização na documentação, na nota fiscal do produtor de madeira (NF) e na guia florestal (GF3) emitida pela secretaria de meio ambiente (SEMA). O volume transportado foi vistoriado em metros cúbicos, houve a medição da carga e a identificação das espécies, para avaliar a compatibilidade entre a carga e a respectiva nota fiscal.

Para identificação das espécies, os fiscais retiraram amostras das madeiras da carga do caminhão e com auxílio de lupa, identificaram macroscopicamente as espécies transportadas. Uma vez verificada a conformidade das informações declaradas com a carga transportada, o instituto de defesa agropecuária (INDEA) emite o certificado de identificação da madeira (CIM).

Por meio da nota fiscal (NF), da guia florestal (GF3) e da fiscalização dos técnicos do INDEA, foram identificadas as espécies comercializadas, bem como suas respectivas famílias botânicas.

Através da GF1, guia florestal emitida pela Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), foram identificadas todas as espécies comercializadas pelo Estado de Mato Grosso e por meio da portaria número 106/2012 emitida pela Secretaria de Fazenda do Estado de Mato Grosso, obteve-se a lista de preços mínimos para os produtos oriundos da indústria florestal e extrativa vegetal. Obtiveram-se os valores mínimos utilizados para a venda da madeira serrada em metros cúbicos para o mercado de Cuiabá-MT, comercializados no período avaliado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Mato Grosso no período de 2004 a 2010 foram comercializadas 411 espécies florestais, distribuídas em 97 gêneros e 34 famílias botânicas.

As famílias mais representativas foram a Fabaceae com 25 gêneros seguidas da Mimosaceae e Moraceae com sete gêneros cada uma e as Meliaceae e Sapotaceae com cinco gêneros cada (Figura 2).

A família Fabaceae foi a mais expressiva com 25 gêneros e 116 espécies. Os gêneros com os respectivos maiores números de espécies foram: *Andira* e *Hymenolobium* (11), *Hymenaea* e *Peltogyne* (9), *Copaifera* (8), *Dipteryx* (7) e *Bowdichia*, *Inga* e *Vatairea* (6).

No Brasil, a família Fabaceae tem uma distribuição abundante, apresentando mais 1.500 espécies distribuídos em cerca de 200 gêneros (Lorenzi & Souza, 2005), em estudos realizados no Cerrado, a família Fabaceae tem sido a mais diversa (Filgueiras & Pereira, 1993.; Mantovani & Martins, 1993.; Medeiros et al., 2008), entretanto outras famílias como Rubiaceae e Myrtaceae também já foram mencionadas nesta posição.

Bentes-Gama et al., (2002), avaliando estrutura e valoração de uma floresta de várzea alta na Amazônia, registraram 4.192 indivíduos, distribuídos em 34 famílias botânicas, 65 gêneros e 78 espécies. Fabaceae com sete indivíduos, Caesalpiniaceae, Chrysobalanaceae, Mimosaceae e Palmae com cinco indivíduos (cada), foram as que expressaram maior riqueza de indivíduos. As leguminosas se sobressaem como a família mais importante (17 espécies), da mesma forma verificada em Campbell et al., (1986)

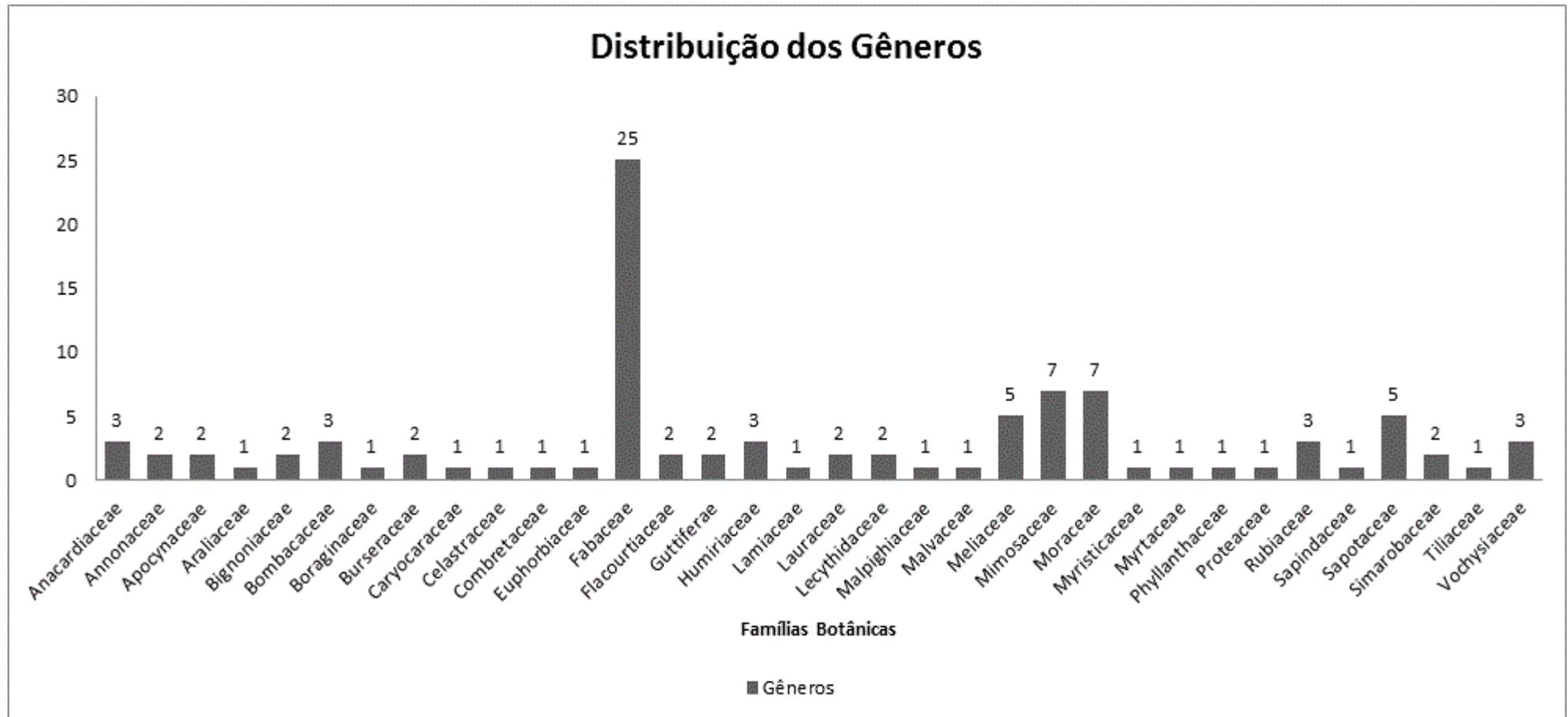


Figura 2 - Distribuição das famílias botânicas, segundo o gênero referente à madeira de espécies florestais naturais comercializadas no Estado de Mato Grosso no período de 2004 a 2010.

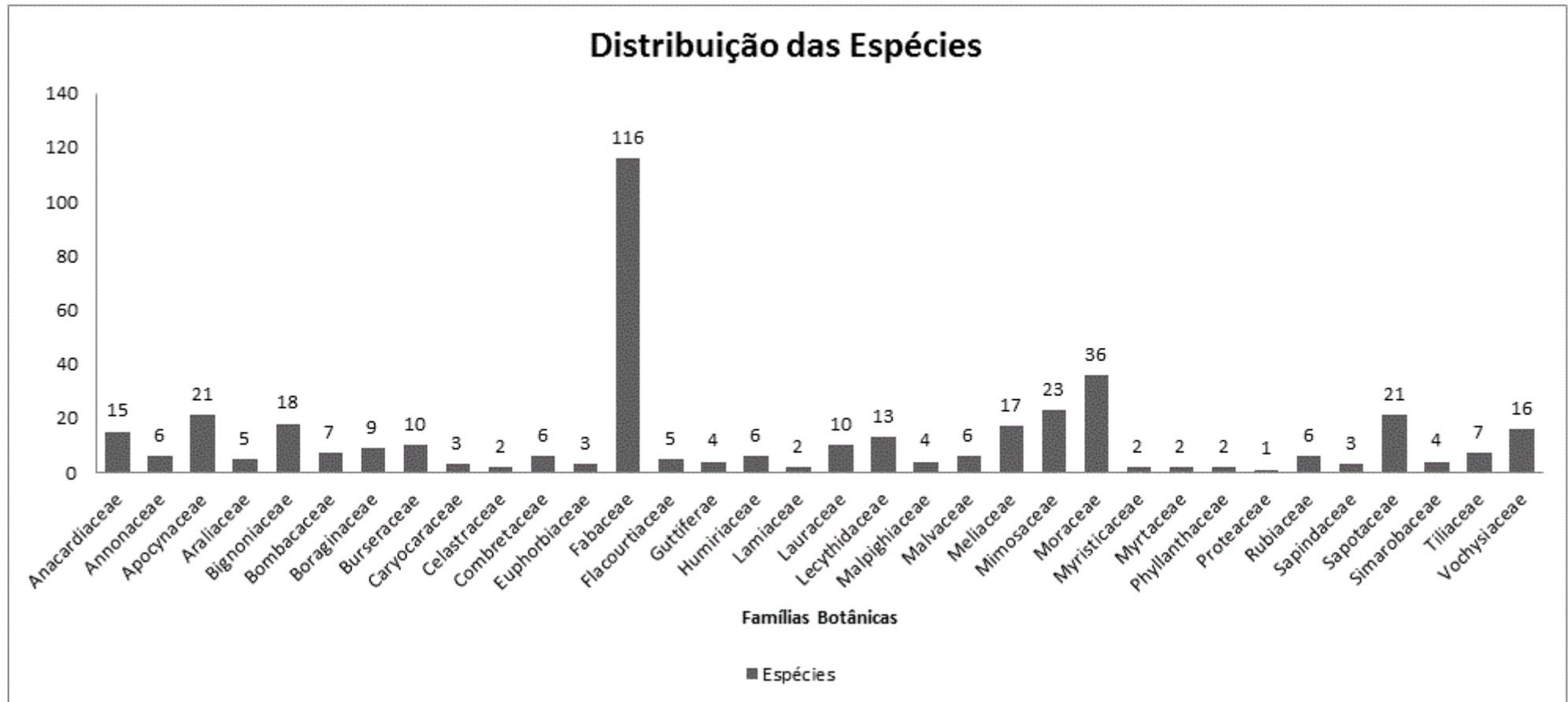


Figura 3 - Distribuição das famílias botânicas, segundo a espécie referente à madeira de espécies florestais naturais comercializadas no Estado de Mato Grosso no período de 2004 a 2010.

De acordo com Figura 3 a família Fabaceae apresenta também o maior número de indivíduos (116), seguida das Moraceae (36), Mimosaceae (23), Sapotaceae e Apocynaceae (21) e Bignoniaceae (18).

Estudos realizados por Leitão Filho, (1987) na Floresta Amazônica confirmam que algumas famílias como Sapotaceae, Lecythidaceae, Moraceae, Chrysobalanaceae, Burseraceae, Mimosaceae, Apocynaceae, Annonaceae, Lauraceae e Fabaceae, são muito frequentes e, no geral, revelam um maior número de indivíduos e espécies.

Em estudos voltados à etnobotânica e ribeirinhos na Amazônia Sul Ocidental identificou-se um total de 54 espécies florestais, sendo ordenadas em 27 famílias botânicas, com destaque a família Solanaceae, Lamiaceae, Arecaceae, Asteraceae, Cucurbitaceae e Fabaceae. Das 54 espécies 35 são utilizadas como alimentícias, principalmente as famílias: Alliaceae, Brassicaceae, Fabaceae e Solanaceae (Martins & Martins, 2012).

Já Rondon Neto et al., (2010), avaliando a composição florística de diferentes fisionomias do cerrado no município de Lucas do Rio Verde-MT (área de Transição), mostraram que as famílias com maior diversidade, respondendo por 36,5% do total das espécies identificadas foram as Fabaceae, Annonaceae, Myrtaceae, Rubiaceae e Melastomataceae.

Corroborando com o estudo, Almeida et al., (2012) procedendo um levantamento de espécies arbóreas em floresta de terra firme manejada no estado do Pará, encontrou a família Fabaceae com o maior número de espécies (45), seguida por Sapotaceae (13), Lecythidaceae (11), Moraceae (11), Apocynaceae (8), Lauraceae (8), Burseraceae (6), Myrtaceae (6), Annonaceae (5) e Meliaceae (5).

Estudos realizados por Ribeiro et al., (1999), Maciel et al., (2000), Yared et al., (2000) e Lima Filho et al., (2001), consideram que poucas famílias botânicas configuram o maior número de indivíduos em florestas de terra firme na Amazônia.

As 10 espécies em ordem decrescente mais comercializadas pelo Estado de Mato Grosso no período de 2004 a 2010 em termos de volume foram *Qualea* sp, (Cambará), *Goupia glabra* (Cupiúba), *Erismia uncinatum* (Cedrinho), *Mezilaurus itauba* (Itaúba), *Hymenolobium* sp (Angeim), *Apuleia* sp (Garapeira), *Manilkara* sp (Maçaranduba), *Cordia goeldiana* (Freijó), *Dipteryx* sp (Cumbarú), *Trattinickia* sp (Amescla), sendo que estas respondem por 88% do total comercializado (Figura 4).

Em relação às etnocategorias de usos encontramos em estudos realizados por Novais et al., (2011), que o cumbarú além do uso madeireiro também é utilizado por comunidades ribeirinhas em Cáceres-MT como uso medicinal e na alimentação. Schwenk e

Silva (2000), relatam a utilização do fruto do cumbarú para alimentação (humana, bovina e suína), bem como o uso medicinal (inflamação na garganta em forma de gargarejo usando a casca e feridas em forma de pó da casca torrada).

A cupiúba possui diversos usos: cosmético, o chá das folhas maceradas é utilizado como tintura para cabelos. Alimento, (Índios Ka'apor e Wayãpi) e o óleo extraído também são comestíveis. Ornamental, indicada para arborização em geral. Medicinal, para infecções nos olhos o suco das folhas maceradas é utilizado, e quando aplicado na pele tem efeito cicatrizante, e o chá da casca é utilizado para tratamento de coluna e como analgésico (Itto, 1999).

Os gêneros *Vochysia* e *Qualea*, se destacam com importantes espécies fontes de madeira, de medicamentos e corante (Di Stasi e Hiruma-Lima, 2002). A espécie Garapeira é utilizada na indústria madeireira e de curtume, possui indicações de uso medicinal, ornamental e em plantios para recuperação ambiental.

O gênero *Cordia*, além do uso madeireiro (cabos de ferramentas em geral, móveis, canoa, construção de casa, etc), pela comunidade mimosiana em Mato Grosso, também se caracteriza pela utilização medicinal combatendo febre, dores estomacais e vesícula (Schwenk & Silva, 2000).

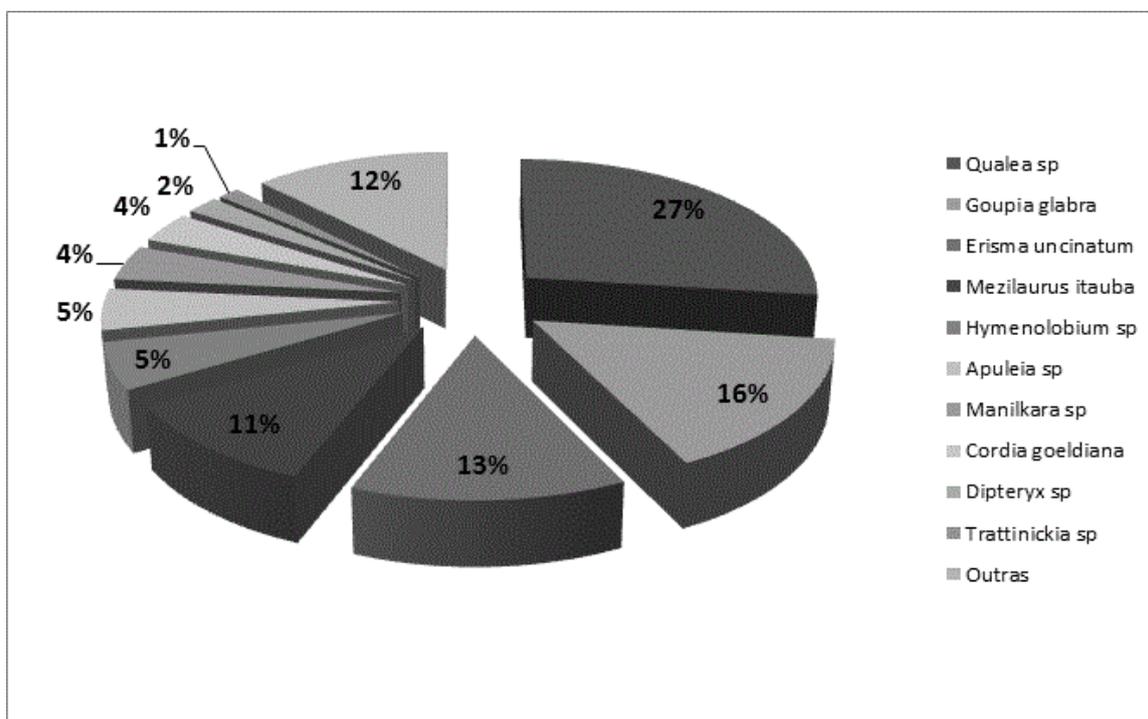


Figura 4 - Espécies florestais comercializadas pelo Estado de Mato Grosso em termos de percentual do volume total no período de 2004 a 2010

Segundo Robert et al., (2012), em estudo sobre a caracterização do abastecimento de madeira serrada comercializada em Florianópolis-SC, tem-se como fornecedores de madeira as regiões Centro-Oeste e Norte do país (PA, MT, RO e AC). As espécies nativas de madeira serrada que suprem o mercado são *Andira* sp.; *Dinizia* sp.; *Vatairea* sp.; *Pithecellobium* sp.; *Hymenolobium* sp. (angelim), *Hymenolobium* sp.; (angelim-pedra), *Vochysia* sp. *Qualea* sp. (cambara), *Cedrelinga catenaeformis* D. Ducke. (cedrão), *Erismia uncinatum* Warm. (cedrinho) *Parkia* sp. (faveiro), *Apuleia* sp. (garapeira), *Tabebuia* sp. (ipê), *Mesilaurus itauba* (Meissn). (itaúba), *Hymenaea courbaril* L. (jatobá).

O autor concluiu, ainda, que Mato Grosso foi o maior fornecedor de madeira serrada de mata nativa para Florianópolis-SC (36%), seguido de Pará, Rondônia e Acre, e que as principais espécies nativas comercializadas foram Angelim e Cambará.

Neste sentido, Coelho (2010), analisando o segmento madeira serrada na região sul do Estado do Rio Grande do Sul-RS, obteve como abastecedores de madeira serrada de espécies de florestas naturais, os Estados de Mato Grosso, Acre, Amazonas e Rondônia. Segundo o relatório DOF (Documento de Origem Florestal), desenvolvido pelo IBAMA (2008), estes estados forneceram juntos um total de 199.173,1742 m³ de madeira serrada para todo o Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2007. As espécies mais comercializadas foram: *Hymenolobium petraeum* Ducke (angelim), *Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl. (ipê), *Erismia uncinatum* Warm (cedrinho), *Cedrela odorata* L. Wood (cedro), *Mezilaurus itauba* (Meisn.) Taub. ex Mez. (itaúba), *Cordia goeldiana* Huber (freijó), *Torresea acreana* Ducke (cerejeira).

As doze espécies mais comercializadas por Mato Grosso (cambará, cupiúba, itaúba, cedrinho, angelim, maçaranduba, garapeira, freijó, cumbaru, marupá, cedrorana e amapá) somaram um total de R\$ R\$ 4.943.960.628,78, enquanto as demais juntas responderam por R\$ 467.563.628,46 (Figura 5).

Em pesquisa realizada por Lopes (2010), analisando a produção madeireira em toras do Estado de Mato Grosso no período de fev/2006 à out/2010 obteve em seus resultados para as 12 espécies mais comercializadas um valor total de R\$ 2.597.164.463,00.

Remade (2001), afirma que o potencial de produção madeireira chega a atingir 400 milhões metros cúbicos, sendo Mato Grosso o maior em espécies comercializáveis do Brasil, ou seja, das cerca de 200 espécies, apenas 15% são exploradas comercialmente.

De acordo com os dados da SEMA em 2009, para o período de 03/02/2006 a 02/09/2009, o volume de venda de madeira serrada foi de R\$ 3,2 bilhões de reais, sendo exportações (22,5%), outros estados (60,7%), além de (16,6%) direcionados ao consumo

interno. As principais essências florestais comercializadas foram cedrinho (12,6%), ipê (9,7%), jatobá (8,2%), itaúba (5,6%) e outras (garapeira, cambará, amescla, angelim-pedra, tauari e outras) (Aro, 2011).

O Estado de Mato Grosso no período de sete anos comercializou um total de 7.385.350,468m³ e obteve uma receita mínima de R\$ 5.411.524.257,00 (Tabela 1).

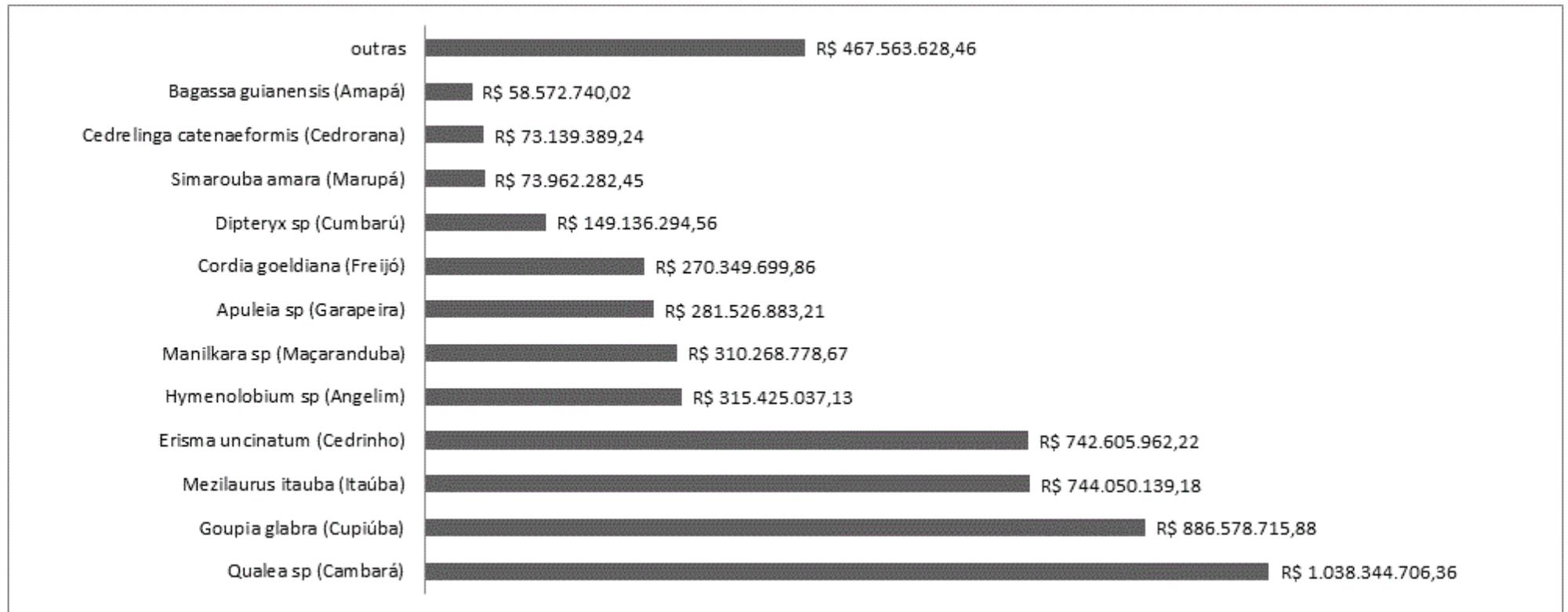


Figura 5 - As doze espécies de maior valor comercializadas pelo Estado de Mato Grosso via modal rodoviário no período de 2004 a 2010.

Tabela 1 - Espécies, volume e valores comercializados pelo Estado de Mato Grosso de 2004 a 2010

Espécies	Volume (m ³)	Preço R\$/m ³	Valor Total R\$	%
<i>Qualea sp</i>	1.996.816,74	520	1.038.344.706,36	19,18
<i>Goupia glabra</i>	1.161.964,24	763	886.578.715,88	16,38%
<i>Mezilaurus itauba</i>	768.646,84	968	744.050.139,18	13,75%
<i>Erisma uncinatum</i>	973.271,25	763	742.605.962,22	13,72%
<i>Hymenolobium sp</i>	398.767,43	791	315.425.037,13	5,83%
<i>Manilkara sp</i>	303.589,80	1022	310.268.778,67	5,73%
<i>Apuleia sp</i>	355.912,62	791	281.526.883,21	5,20%
<i>Cordia goeldiana</i>	264.530,04	1022	270.349.699,86	5,00%
<i>Dipteryx sp</i>	154.066,42	968	149.136.294,56	2,76%
<i>Simarouba amara</i>	96.936,15	763	73.962.282,45	1,37%
<i>Cedrelinga catenaeformis</i>	95.857,65	763	73.139.389,24	1,35%
<i>Bagassa guianensis</i>	74.048,98	791	58.572.740,02	1,08%
<i>Couratari sp</i>	90.249,56	520	46.929.772,76	0,87%
<i>Ocotea sp</i>	88.053,78	520	45.787.965,08	0,85%
<i>Hymenaea sp</i>	46.630,42	968	45.138.243,66	0,83%
<i>Dinizia excelsa</i>	42.520,73	791	33.633.893,48	0,62%
<i>Tabebuia sp</i>	24.168,85	1185	28.640.082,51	0,53%
<i>Trattinickia sp</i>	98.271,88	286	28.105.758,54	0,52%
<i>Torresea acreana</i>	26.928,96	1022	27.521.398,14	0,51%
<i>Aspidosperma sp</i>	24.834,25	791	19.643.892,54	0,36%
<i>Peltogyne sp</i>	25.136,80	763	19.179.375,35	0,35%
<i>Pouteria sp</i>	22.535,70	763	17.194.740,63	0,32%
<i>Astronium sp</i>	19.951,75	791	15.781.836,62	0,29%
<i>Cariniana sp</i>	27.162,13	520	14.124.309,16	0,26%
<i>Cedrela sp</i>	16.483,81	763	12.577.148,56	0,23%
<i>Bowdichia sp</i>	15.171,12	791	12.000.359,08	0,22%
<i>Vatairea sp</i>	12.822,20	791	10.142.356,25	0,19%
<i>Vochysia sp</i>	17.755,49	520	9.232.852,72	0,17%
<i>Micropholis sp</i>	13.512,27	520	7.026.379,88	0,13%
<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	11.221,39	520	5.835.120,72	0,11%
<i>Aspidosperma polyneuron</i>	7.323,76	791	5.793.091,79	0,11%

<i>Myroxylon balsamum</i>	4.404,51	1185	5.219.338,43	0,10%
<i>Pithecellobium sp</i>	6.305,17	791	4.987.391,84	0,09%
<i>Guarea sp</i>	9.322,03	520	4.847.454,04	0,09%
<i>Ferreirea spectabilis</i>	5.490,33	791	4.342.853,40	0,08%
<i>Calophyllum sp</i>	5.401,24	763	4.121.149,17	0,08%
<i>Clarisia racemosa</i>	5.297,67	763	4.042.122,21	0,07%
<i>Diploptropis sp</i>	4.846,58	791	3.833.645,57	0,07%
<i>Protium sp</i>	7.041,86	520	3.661.766,16	0,07%
<i>Parkia sp</i>	10.133,99	286	2.898.320,00	0,05%
<i>Chrysophyllum sp</i>	2.926,75	763	2.233.107,96	0,04%
<i>Enterolobium sp</i>	2.385,06	763	1.819.796,97	0,03%
<i>Sterculia sp</i>	5.605,90	286	1.603.286,26	0,03%
<i>Schizolobium sp</i>	5.297,04	286	1.514.952,58	0,03%
<i>Martiodendron sp</i>	1.900,50	791	1.503.292,34	0,03%
<i>Jacaranda copaia</i>	5.003,46	286	1.430.989,27	0,03%
<i>Chlorophora tinctoria</i>	1.828,11	763	1.394.846,40	0,03%
<i>Caryocar sp</i>	2.658,97	520	1.382.665,96	0,03%
<i>Buchenavia sp</i>	2.047,11	520	1.064.497,72	0,02%
<i>Moronobea sp</i>	1.291,77	763	985.621,27	0,02%
<i>Copaifera sp</i>	1.154,35	763	880.771,34	0,02%
<i>Ceiba sp</i>	2.541,45	286	726.854,41	0,01%
<i>Cabralea sp</i>	1.230,49	520	639.852,20	0,01%
<i>Couma sp</i>	2.119,41	286	606.152,12	0,01%
<i>Sclerolobium sp</i>	1.063,82	520	553.185,88	0,01%
<i>Machaerium scleroxylon</i>	302,557	1750	529.474,75	0,01%
<i>Planchonella</i>	663,669	763	506.379,45	0,01%
<i>Erisma sp</i>	610,045	763	465.464,34	0,01%
<i>Guatteria sp</i>	559,189	763	426.661,21	0,01%
<i>Hevea brasiliensis</i>	1.491,64	286	426.608,47	0,01%
<i>Ficus sp</i>	1.467,20	286	419.618,06	0,01%
<i>Brosimum sp</i>	516,748	763	394.278,72	0,01%
<i>Platymiscium sp</i>	516,106	763	393.788,88	0,01%
<i>Anacardium sp</i>	1.320,77	286	377.739,36	0,01%

<i>Pterodon pubescens</i>	674,706	520	350.847,12	0,01%
<i>Tectona grandis</i>	257,86	1185	305.564,10	0,01%
<i>Castilla sp</i>	961,647	286	275.031,04	0,01%
<i>Byrsonima sp</i>	355,458	763	271.214,45	0,01%
<i>Bombax sp</i>	861,599	286	246.417,31	0,00%
<i>Vantanea sp</i>	319,008	763	243.403,10	0,00%
<i>Piptadenia sp</i>	272,546	791	215.583,89	0,00%
<i>Sacoglottis sp</i>	178,388	763	136.110,04	0,00%
<i>Apeiba sp</i>	141,749	763	108.154,49	0,00%
<i>Trichilia sp</i>	186,006	520	96.723,12	0,00%
<i>Ochroma sp</i>	118,787	791	93.960,52	0,00%
<i>Xylopia sp</i>	96,076	791	75.996,12	0,00%
<i>Humiria sp</i>	91,889	763	70.111,31	0,00%
<i>Dialium sp</i>	124,754	520	64.872,08	0,00%
<i>Psidium sp</i>	84,559	763	64.518,52	0,00%
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	47,25	1185	55.991,25	0,00%
<i>Swietenia macrophylla</i>	41,35	1185	48.999,75	0,00%
<i>Cordia gerascanthus</i>	20,949	1750	36.660,75	0,00%
<i>Inga sp</i>	116,686	286	33.372,20	0,00%
<i>Pterocarpus sp</i>	41,02	763	31.298,26	0,00%
<i>Ormosia sp</i>	37,648	791	29.779,57	0,00%
<i>Theobroma sp</i>	92,556	286	26.471,02	0,00%
<i>Euplassa sp</i>	32,896	791	26.020,74	0,00%
<i>Alexa sp</i>	84,439	286	24.149,55	0,00%
<i>Iryanthera sp</i>	30,751	763	23.463,01	0,00%
<i>Esenbeckia sp</i>	70,42	286	20.140,12	0,00%
<i>Pseudolmedia sp</i>	20,79	763	15.862,77	0,00%
<i>Didymopanax sp</i>	34,947	286	9.994,84	0,00%
<i>Hieronyma sp</i>	11,266	791	8.911,41	0,00%
<i>Tapirira sp</i>	11,199	763	8.544,84	0,00%
<i>Casearia sp</i>	11	763	8.393,00	0,00%
<i>Laetia procera</i>	10,273	763	7.838,30	0,00%
<i>Lonchocarpus sp</i>	15,326	286	4.383,24	0,00%

<i>Nectandra sp</i>	4,641	286	1.327,33	0,00%
<i>Talisia sp</i>	0,567	763	432,62	0,00%
<i>Calycophyllum sp</i>	0,663	520	344,76	0,00%
<i>Andira sp</i>	0,153	791	121,02	0,00%
<i>Capirona sp</i>	0,153	763	116,74	0,00%
Total	7.385.350,48		5.411.524.257,24	100,00%

Fonte: INDEA-MT (2004-2010) e SEFAZ-MT (2012)

CONCLUSÕES

O Estado de Mato Grosso comercializou no período considerado, 411 espécies florestais, totalizando 7.385.350,48m³ de madeira serrada e gerando uma receita de R\$ 5.411.524.257,24, o que demonstra uma grande diversidade de espécies na região de abrangência do estudo.

As espécies com maior volume comercializados são *Qualea sp*, (cambará), *Goupia glabra* (cupiúba), *Erisma uncinatum* (cedrinho), *Mezilaurus itauba* (itaúba), *Hymenolobium sp* (angelim), *Apuleia sp* (garapeira), *Manilkara sp* (maçaranduba), *Cordia goeldiana* (freijó), *Dipteryx sp* (cumbarú), *Trattinickia sp* (amescla), correspondendo a 88% do total comercializado.

As espécies com maior valor de receita em ordem decrescente são *Qualea sp* (Cambará) com R\$ 1.038.344.706,36, *Goupia glabra* (Cupiúba) com R\$ 886.578.715,88, *Mezilaurus itauba* (Itaúba) com R\$ 744.050.139,18, e *Erisma uncinatum* (Cedrinho) com R\$ 742.605.962,22, perfazendo um valor total de R\$ 3.411.579.523, ou seja, das 411 espécies florestais comercializadas somente 4 espécies são responsáveis por 63,04% da receita obtida pelos produtores. O que demonstra que, não obstante a diversidade de espécies, a exploração de um número reduzido de espécies é mais aceita pelo mercado madeireiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERLY, D.D.; FERREIRA, C.A.C.; PIRANI, J.R.; THOMAS, W.W.; The Forest-Cerrado transition zone in southern Amazonia: Results of the 1985 Projeto Flora Amazônica Expedition to Mato Grosso. **Brittonia**, 1989. 4 (12): 113-128.

ALMEIDA, L.S.; GAMA, J.R.V.; OLIVEIRA, F.A.; CARVALHO, J.O.P.; GONÇALVES, D.C.M.; ARAÚJO, G.C. Fitossociologia e uso múltiplo de espécies arbóreas em floresta manejada, Comunidade Santo Antônio, município de Santarém, Estado do Pará. **Revista Acta Amazônica**, 2012. vol. 42(2) 2012: 185 – 194.

ARO, E.R. **Competitividade de sistemas agroindustriais: O caso da cadeia da madeira no estado de Mato Grosso**. 2011. 229p. Dissertação (Mestrado) São Carlos, SP. Engenharia de Produção. Universidade Federal de São Carlos – SP.

BENTES-GAMA, M.M.; SCOLFORO, J.R.S.; GAMA, J.R.V.; OLIVEIRA, A.D. Estrutura e valoração de uma floresta de várzea alta na Amazônia. **Revista Cerne**, 2002. V.8, N.1, P.088-102.

BRASIL. Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM. **Legislação sobre a criação da Amazônia Legal**. [online]. Cuiabá: SUDAM; 2013. Disponível em: <http://www.sudam.gov.br/amazonia-legal>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2013.

CAMPBELL, D.G.; DALY, D.C.; PRANCE, G.T.; MACIEL, U.N. Quantitative ecological inventory of terra firme and várzea tropical forest on the rio Xingu, Brazilian Amazon. **Brittonia**, 1986. New York, v. 38, n. 4, p. 369-393, Oct./Dec.

COELHO, B.S. **Análise Mercadológica do Segmento de Madeira Serrada na Região Sul do Rio Grande do Sul**. 2010. 49pag. (Monografia) Centro de Engenharias, Universidade Federal de Pelotas – UFP. Pelotas, RS.

DI STASI, L.C.; LIMA, C.A.H. **Plantas medicinais na Amazônia e Mata Atlântica**. Fundação Editora UNESP, 2. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FATOS FLORESTAIS DA AMAZÔNIA – IMAZON **Mercado e preço da madeira amazônica**. Instituto do homem e meio ambiente da Amazônia – IMAZON, 2010.

FILGUEIRAS, T.S.; PEREIRA, B.A.S. Flora do Distrito Federal. In: PINTO, M.N. (Org.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. Brasília, DF: UnB, p. 345-404. 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA. Reestruturação: Aumenta o foco em fiscalização, licenciamento e autorizações. **Revista IBAMA** Ano II, N° 3. 2008. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/phocadownload/sala_de_imprensa/revista-n3.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2012.

INTERNATIONAL TROPICAL TIMBER ORGANIZATION - ITTO. **Projeto: extrativismo não-madeireiro e desenvolvimento sustentável na amazônia (ITTO – pd 31/99 ver. 3 (i))**. Banco de dados “non wood” *Goupia glabra* Aubl. 1999. Disponível

em:<http://www.ittorolac.org/enciclopediabotanica/Celastraceae/Goupia%20glabra.pdf/download>. Acesso em: 03 de dezembro de 2012.

IVANAUSKAS, N.M.; MONTEIRO, R.; RODRIGUES, R.R. Composição florística de trechos florestais na borda sul-amazônica. **Revista Acta Amazônica**, 2004. VOL. 34(3) 2004: 399 – 413.

LEITÃO FILHO, H.F. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e sub-tropicais do Brasil. **Revista IPEF**, 1987. n.35, p.41-46.

LIMA FILHO, D.A.; MATOS, F.D.; AMARAL, I.L.; REVILLA, J.; COELHO, L.S.; RAMOS, J.F.; SANTOS, J.L. Inventário florístico de floresta ombrófila densa de terra firme, na região do rio Urucu-Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, 2001. 31: 565-579.

LOPES, R.A.S. **Análise da produção madeireira do estado de Mato Grosso**. 2010. (Monografia) Seropédica, RJ: Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural, RJ.

LORENZI, H.; SOUZA, V.C. **Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II**. Instituto Plantarum, Nova Odessa, 639 pag. 2005.

MACIEL, M.N.M.; QUEIROZ, W.T.; OLIVEIRA, F.A. Parâmetros fitossociológicos de uma floresta tropical de terra firme na Floresta Nacional de Caxiuanã-PA. **Revista Ciências Agrárias** 2000. 34: 85-106.

MANTOVANI, W.; MARTINS, F.R. Florística do cerrado na reserva biológica de Moji Guaçu, SP. **Acta Botânica Brasílica** 1993. v. 7, p. 33-60.

MARTINS, W.M.O.; MARTINS, L.M.O. Ribeirinhos e recursos vegetais em agroecossistemas na Amazônia Sul Ocidental, Cruzeiro do sul, Acre. **Enciclopédia Biosfera** 2012. Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.8, N.14; p. 2011.

MEDEIROS, M.B.; WALTER, B.M.T.; SILVA, G.P. Fitossociologia do Cerrado *Sensu Stricto* no município de Carolina, MA. **Revista Cerne** 2008; v. 14, n. 4, p. 285-294.

MATO GROSSO (Estado). Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral – SEPLAN. **Dados secundários do DSEE/MT: Zoneamento - Divulga.** (CD-Rom). Versão 1.01.1999.

MATO GROSSO (Estado). Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral – SEPLAN. **Anuário estatístico de Mato Grosso 2010: características gerais do Estado, localização geográfica e divisão político-administrativa.** [online]. Cuiabá: SEPLAN; 2010. 19 p. Disponível em: <http://www.seplan.mt.gov.br/sitios/anuario/2010/Index.htm>. Acesso em: 16 de Março de 2012.

NOVAIS, A.M.; GUARIM NETO, G.; GUARIM, V.L.M.S.; PASA, M.C. Os quintais e a flora local: Um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade** 2011; v. 10, n. 1.

REVISTA DA MADEIRA-REMADE. Mato Grosso um pólo em crescimento [online]. **Revista da Madeira** 2001; (60). Disponível em: http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira_anunciantes.php?edicao=60. Acesso em: 29 de Janeiro de 2013.

RIBEIRO, J.E.L.S.; HOPKINS, M.J.G.; VICENTINI, A.; SOTHERS, C.A.; COSTA, M.A.S.; BRITO, J.M.; SOUZA, M.A.D.; MARTINS, L.H.P.; LOHMANN, L.G.; ASSUNÇÃO, P.A.C.L.; PEREIRA, E.C.; SILVA, C.F.; MESQUITA, M.R.; PROCÓPIO, L.C. **Flora da Reserva Ducke: Guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra firme na Amazônia Central**. INPA/DFID, Manaus. 1999. 816 p.

RIBEIRO JUNIOR, C.V.T. **Análise da Economia de Exportação do Setor Madeireiro do Estado de Mato Grosso Pós-Plano Real** 2003. 90pag. (Monografia). Graduação em Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT.

ROBERT, R.C.G.; SANTOS, A.S.; SANTOS, L.D; FANTINI, A.C. Caracterização do abastecimento de madeira serrada comercializada no município de Florianópolis-SC. **Revista Floresta**. 2012. v. 42, n. 1, p. 85 - 94, jan./mar.

RONDON NETO, R.M.; SANTOS, J.S.; SILVA, M.A.; KOPPE, V.C. Potencialidades de uso de espécies arbustivas e arbóreas em diferentes fisionomias de cerrado, em Lucas do Rio Verde/MT. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** ISSN 1519-5228, V.10 – N° 2 - 2º Semestre. 2010.

SAMPAIO, A.J. **A flora de Mato Grosso**. Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro, 19:1-25. 1916.

SAMPAIO, S.F.; MAZZOCHIN, M.S. Espacialidade da economia: inovação e estratégias espaciais no setor de base florestal brasileiro. **RA'EGA**, Curitiba 2010; 20(1):53-65.

SCHONGART, J.; GROWTH-ORIENTED, LOGGING. (GOL): A new concept towards sustainable forest management in Central Amazonian varzea floodplains. **Forest Ecology and Management**, 2008. 256: 46-58.

SCHWENK, L.M.; SILVA, C.J.A. Etnobotânica da morraria mimoso no Pantanal de Mato Grosso. In: **Anais III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal: Os desafios do novo milênio**. Corumbá, 2000. Corumbá-MS: Embrapa Pantanal, 2000.

YARED, J.A.G.; COUTO, L.; LEITE, H.G. Diversidade de espécies em florestas secundária e primária, sob efeito de diferentes sistemas silviculturais, na Amazônia Oriental. **Revista Árvore**, 2000. 24: 83-90.

PEREIRA, D.; SANTOS, D.; VEDOVETO, M.; GUIMARÃES, J.; VERÍSSIMO, A. **Fatos Florestais da Amazônia 2010**. Belém: IMAZON, 2010. 121 p.